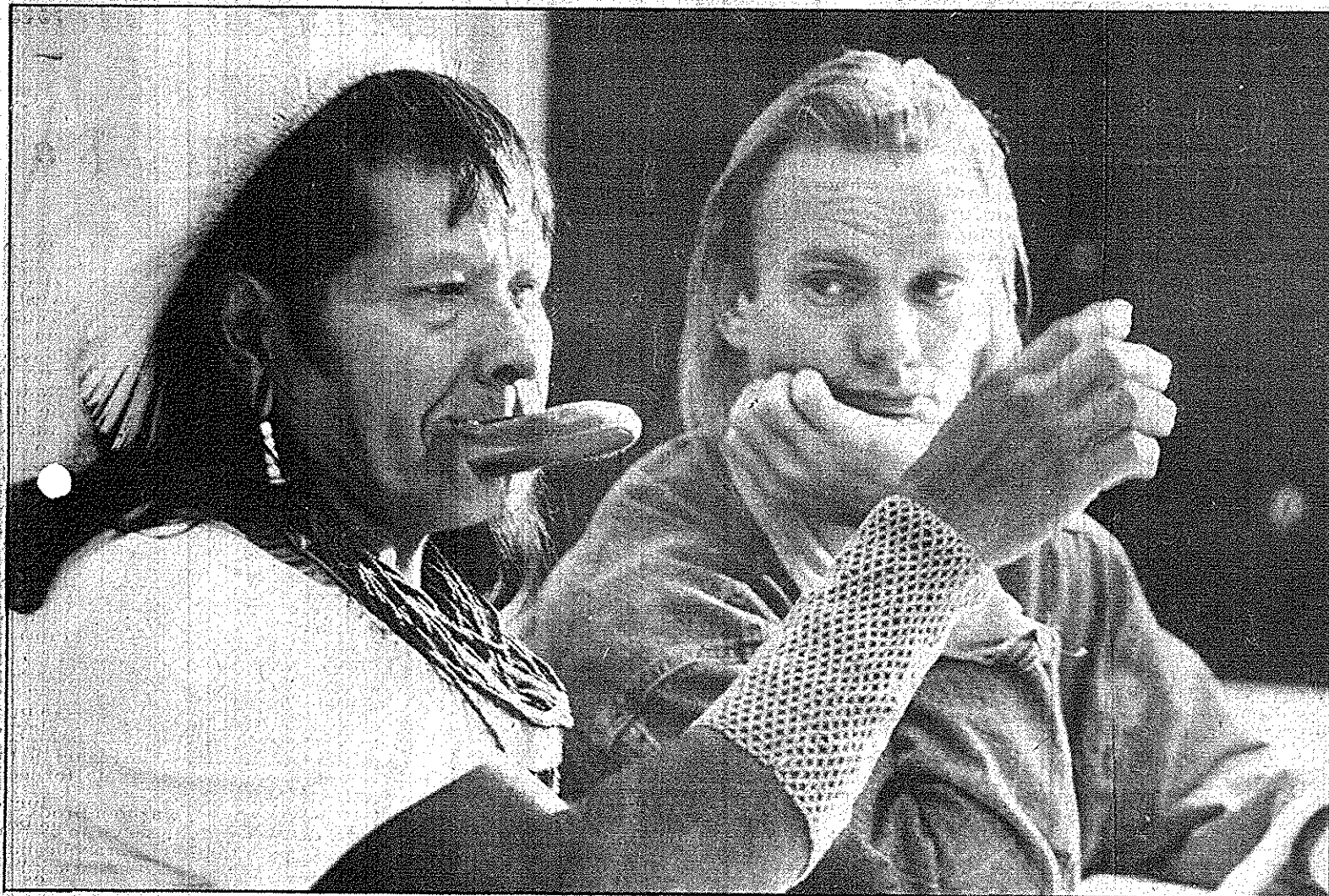




CONEXÃO INTERNACIONAL

O cantor Sting, acompanhado do cacique Raoni, explica por que está preocupado com a floresta

Um programa de índio com Sting

■ O roqueiro inglês, acompanhado de Raoni e do cineasta Jean-Pierre Dutilleux, participa de uma entrevista onde fala sobre sua atuação no movimento de luta pela preservação da Amazônia. Confira

O roqueiro Sting é a atração da *Conexão Internacional* de hoje, que vai ao ar às 22h30, pela Rede Manchete. Sting fala sobre sua atual cruzada pela preservação do meio ambiente, sobre sua experiência quando foi morar com os índios e sobre muitas outras coisas. A entrevista foi dada para o jornalista Sidney Resende e também participaram do programa o cacique txucarramãe Raoni e o cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux.

Sting está engajado na luta pela preservação da floresta amazônica há muito tempo, e foi uma das estrelas do I Encontro de Povos Indígenas, realizado em fevereiro, em Altamira, Pará. O cantor vinha de duas temporadas no Xingu e desembarcou em Altamira acompanhando Raoni. De lá, ele e o cacique partiram para uma peregrinação pelos países europeus, chamando a atenção para o problema amazônico. Na Europa, encontraram-se com gente como João Paulo II, François Mitterrand e Margaret Thatcher.

"Eu acho que tem sido importante fazer os líderes mundiais conhecerem o cacique Raoni porque ele é um líder de seu povo e esta é uma boa oportunidade", conta Sting. "mas, para mim, o objetivo principal de nossa campanha tem sido gente comum, gente da Europa, dos EUA, do Japão, da Austrália, gente do Brasil. Nós tentamos mostrar que a Amazônia é importante para todos no planeta, não só para ecologistas ou políticos ou estrelas de rock, mas para gente comum. As pessoas achavam que o Brasil era muito longe para elas se preocuparem, o que não é verdade. A destruição da Amazônia diz respeito a todos".

Mas o cantor não escapou de críticas, que diziam estar ele apenas se promovendo e usando para tal a figura de Raoni. Críticas no mínimo precipitadas, já que Sting está há mais de seis meses sem compor ou gravar. Além disso, ele passou um bom tempo morando com os índios no Xingu.

"Fui viver com os índios com os mesmos preconceitos que quase todo mundo tem", confessa Sting. "Pensava que éramos avançados e sofisticados e eles simples e primitivos. Mas vivendo com eles, você percebe que não é nada disso. O que aprendi foi que eu não sei as origens das coisas da minha vida, e, não conhecendo a fonte, não posso respeitá-la. Os índios podem apontar a árvore com que fizeram sua canoa, podem apontar para a horta de onde tiram suas verduras. Quando você tem acesso a essas fontes, você a respeita. Eles respeitam o ar, as árvores, respeitam o rio. Nós não respeitamos. Nós é que somos os primitivos, porque não sabemos de onde vem as coisas".

Sting reconhece que não é nenhum expert na questão ambiental, e que a sua colaboração para resolver o pro-

blema é apenas chamar a atenção para ele. Mas ele estende sua preocupação a questões como o desenvolvimento aliado ao preservacionismo e a pressão da dívida externa sobre o País, assuntos que deve ter tratado nas suas visitas ao presidente Sarney e ao Congresso Nacional.

"A América do Sul sofre um dilema: de um lado precisa se desenvolver — esses países precisam alimentar as pessoas pobres, precisam de hospitais e escolas — e, ao mesmo tempo, precisam preservar o meio ambiente. Eu acho que o desenvolvimento deveria planejar também a conservação. Acredito que o problema econômico do Brasil tem efeito direto no problema ecológico do País, um efeito direto no problema social. É uma consequência da dívida externa. O Brasil tem muitos recursos, não deveria estar endividado. Se está, é porque gasta toda sua energia para pagar essa dívida para os bancos dos EUA e da Europa, e não sobra nenhuma energia para alimentar as pessoas. As regras para o pagamento são tão rígidas, que é impossível para o Brasil, algum dia, pagar a dívida", analisa ele, que diz ter se tornado o mais novo embaixador da nossa dívida: "Como europeu, um dos meus deveres é falar com meu governo, com meus bancos, com as multinacionais, e convencê-los de que eles são a causa de muitos desses problemas ecológicos. E eles têm que mudar de atitude".

Sting fala também sobre reforma agrária e sobre a Fundação Mata Verde, fundada por ele. Portanto, se você não quer esperar pelo próximo disco do homem que já sonhou com as tartarugas azuis, que deve ser fortemente influenciado por essa problemática, não perca o *Conexão*. Afinal, as palavras de Sting soam, às vezes, como ferroadas.